



Os 100 anos do Programa do Partido Nazista: os 25 pontos sob a luz da memória da Shoá

Por Michel Ehrlich*

O Holocausto não pode ser resumido a campos de concentração e de extermínio. O aniquilamento – e de fato qualquer genocídio – se iniciou com processos que, aparentemente, nos parecem banais. Por mais importante que seja a valorização das histórias das vítimas, como fazemos todos os dias no Museu do Holocausto de Curitiba, a elaboração de explicações históricas, cruciais para compreender a Shoá como processo social (e, conseqüentemente, para agir sobre as permanências deste processo no presente), passa pelo entendimento dos mecanismos ideológicos, políticos, sociais, psicológicos e técnicos dos perpetradores. Para isso, precisamos retornar aos primórdios do movimento nazista.

Falamos, especificamente, sobre 24 de fevereiro de 1920, quando um grupo ligado ao Partido Alemão dos Trabalhadores se reuniu em uma grande cervejaria em Munique, no sul do país. A minúscula agremiação foi fundada no ano anterior por Anton Drexler e Karl Harrer, com o intuito de propagar o nacionalismo e o antissemitismo, além de afastar os trabalhadores dos partidos socialistas e comunistas que ganhavam popularidade no pós-Primeira Guerra. O objetivo do encontro era escutar a síntese do Programa do partido sob a liderança de um militar ascendente na organização, que também propôs um novo nome para o agrupamento.

À época, o evento passou despercebido para a maioria da população, mas é fundamental para o posterior desenrolar da História. O dirigente em questão era Adolf Hitler e, naquela data, foi oficialmente criado o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), mais conhecido como Partido Nazista. O documento,



divulgado há exatos 100 anos, era composto por 25 proposições que, embora vagas, revelam muitas das ideias do nazismo em seus primórdios¹.

Não nos ateremos aqui a descrever em pormenores o contexto e as influências deste documento, tampouco analisar cada um dos pontos – para tal, é possível consultar, por exemplo, as magistrais obras de Raul Hilberg (*A destruição dos judeus europeus*) e Joachim Fest (*Hitler*). Interessa-nos neste texto o significado de tal documento para a memória e para a educação sobre a Shoá no século XXI.

Neste sentido, **os 25 pontos do Programa do Partido Nazista** permitem analisar quais ideias já estavam estabelecidas desde o início, o que seria formulado mais tarde e que tipo de propostas circulavam naquele momento conturbado. Falamos de um contexto treze anos antes da ascensão dos nazistas ao poder, dezenove anos do início da Segunda Guerra Mundial e faltando mais de vinte para a implementação da Solução Final, o extermínio sistematizado da população judaica da Europa.

Os três primeiros pontos do documento revelam o ressentimento em relação à derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e suas ambições nacionalistas e imperialistas. Nos pontos 4 a 7, é evidenciada a concepção racista de cidadania do Partido Nazista que, em seu ideário (a ser implementado somente mais de uma década depois), estaria restrita à raça ariana e especialmente vedada aos judeus. O racismo científico e o nacionalismo, duas concepções oriundas do século XIX, se unificaram no nazismo para caracterizar como estrangeiros aqueles tidos como racialmente inferiores. No ponto 7, aparece, possivelmente, a proposta mais extrema do documento: a reivindicação de, no caso de não ser possível sustentar toda a população, expulsar estes estrangeiros (previamente definidos como os racialmente não-arianos). E, de fato, foi este o foco determinante das políticas nazistas direcionadas aos judeus entre 1933 e 1941, quando o extermínio se tornou política prioritária.

¹ Os 25 pontos, traduzidos para o português podem ser lidos em https://pt.wikisource.org/wiki/Programa_do_Partido_Nazista



Nos pontos seguintes, são expostos os princípios do Estado totalitário que o nazismo pretendia fundar. Principalmente no ponto 24, que afirma a preponderância do interesse da nação (já definida como comunidade racial) sobre o indivíduo. Além disso, o documento ataca simultaneamente o comunismo e o capitalismo internacional. O ponto 17, que previa a desapropriação de terras para reforma agrária, inclusive gerou preocupação posteriormente entre empresários, aos quais Hitler esclareceu, durante a campanha eleitoral de 1928 – quando o partido buscou, e viria mais tarde a conseguir, aliar-se a setores empresariais, que a desapropriação se referia às propriedades de judeus e que o Partido Nazista defendia a propriedade privada.

O ataque simultâneo ao capitalismo e ao comunismo pode soar estranho aos olhos da configuração política a partir da Guerra Fria, mas faz sentido dentro da lógica dos diversos movimentos de extrema-direita que existiam na época, notadamente os fascismos, mas também antes destes. Eles se caracterizavam, em linhas gerais, por almejar (frequentemente com ares nostálgicos) uma sociedade hierarquizada, ordenada, rejeitando certos valores da modernidade, como o cosmopolitismo e o internacionalismo, compartilhado tanto pelo capitalismo como pelo socialismo (e, aos olhos da maioria destes movimentos de extrema-direita, incluindo o nazismo, uma característica também dos judeus).

Esta breve análise permite realizar alguns apontamentos que reforçam a historicização do fenômeno do nazismo. Eles são importantíssimos para a construção de uma memória da Shoá relevante para o presente.

O primeiro é perceber que **o nazismo não emergiu sem seus precedentes**. A singularidade do Partido Nazista, uma vez no poder, pode obscurecer este aspecto, que fica mais patente no Programa dos 25 pontos. O nacionalismo, o racismo científico, o antissemitismo e a rejeição à modernidade são ideias que circulavam antes disso, não somente na Alemanha. A negligência de muitos em não perceber o perigo que estas articulações representavam permitiu que se combinassem no nazismo. A compreensão do processo que conecta estas ideias isoladas ao nazismo é fundamental para agir sobre a



emergência de princípios autoritários e de preconceitos que circulam ainda hoje, e que têm sua ameaça frequente e perigosamente minimizada.

Outro importante apontamento diz respeito ao antissemitismo, que se fazia evidente nos ideais do partido desde a sua fundação. A alegação de que as ações dos nazistas, uma vez no poder, diferiam de suas propostas iniciais cai por terra quando observamos que, ainda em 1920, Hitler e seus colaboradores aventavam com, no mínimo, a expulsão dessa população. O extermínio, no entanto, não é mencionado, demonstrando que este processo ainda se aprofundaria nos anos seguintes.

Da mesma forma que a fundação do Partido Nazista é resultante de uma série de processos históricos anteriores, as consequências últimas também não estavam dadas. **A Shoá não foi simplesmente a concretização de um plano meticulosamente orquestrado (e que, portanto, estaria previamente estabelecido e inevitável), mas a consequência de escolhas, ações e omissões que se sucederam.**

Finalmente, é importante lembrarmos de situar a fundação do Partido Nazista em seu tempo. Naquele momento, tratava-se de mais um pequeno grupo de fanáticos, não o único, certamente não o maior ou mais organizado. O grande questionamento que precisamos fazer, ainda e especialmente hoje, talvez seja não somente o que se passava na cabeça de suas lideranças, mas o que ocorreu para que um grupo de fanáticos comandasse um país. Em termos de educação e memória sobre a Shoá no e para o século XXI, esta questão é fundamental, pois diz respeito às atitudes das pessoas comuns, todos nós. Fica assim a importância de não minimizar o potencial destrutivo de grupos propagadores do ódio, do preconceito e do desprezo pela democracia, mesmo que pareçam muito diminutos e distantes de posições significativas de poder.

A partir do momento em que esses pequenos focos de ódio foram tolerados, normalizados, tratados como um mal menor, abriu-se espaço para que, assim que as condições o permitissem, colocassem em prática seus princípios. O Programa de 25 pontos demonstra que, se as consequências de fato não podiam ser previstas, o ódio podia ser identificado previamente. A maioria ignorou e minimizou. Talvez ainda o façamos.



* **Michel Ehrlich** é historiador e coordenador do departamento de História do Museu do Holocausto de Curitiba.
